





A fera amansada



Synthese da guerra hispano-americana.



## Correspondencia do Porto

Leitores amigos:

O nosso correspondente caricatural do Porto, resolveu não mandar para *A Corja* correspondencia alguma. Porquê?

Talvez por eu não ter mandado ainda dezenho nenhum para o jornal d'elle, para o *Sorrete* mas o facto é, que a correspondencia ainda não veio.

N'esta situação, resolvo-me a ser, eu proprio, o correspondente do Porto, e a contar qualquer das varias coisas que soube por lá, quando estive na *invicta* cidade.

No Porto, ha um poeta de talento, bohemio, esturdio por vezes, bom rapaz, homem que se deita sempre no dia seguinte áquelle em que se levanta, um patusco emfim, mas com talento.

O seu nome é *Artayett*.

E' um sujeito alto, altissimo, magro, de barbas castanhas, longos cabelos corcêdos, faces um pouco rosadas e de chapelinho mclle no topo da cabeça.

O Artayett chega a ser bonito e visto de relance, sem se reparar bem n'elle, lembra um Christo que as capellistas de Lisboa costumam vender a seis vintens (sem offensa á esthetica do Artayett).

Bem, mas o que eu queria dizer não era que o Artayett é bonito, mas dizer uma das larachas que elle diz com graça.

Ella ahí vai:

Houve uma vez, no Porto, um jantar de capitalistas, alguns abrazilieirados e no meio d'essa *haute finance* portuense, appareceu o nosso Artayett.

No meio do jantar, a *haute finance*, fallou do porto de Leixões, que é um porto artificial que ha na cidade do Porto, horrivel, mal feito e, em tão más condições que os navios que se abrigam n'este porto, tem ido por vezes ao fundo como se não estivessem abrigados.

Pois bem, fallava-se d'isso e a *haute finance*, que dera dinheiro para a construcção do porto de Leixões, toda ella defendia a obra e o unico atacante era o Artayett, que dizia mal da construcção do porto e das suas condições de abrigo.

—Ora essa, e porquê? perguntava a *haute finance*.

—Ora, dizia o Artayett, o porto de Leixões é tão mau, tão mau, que para o provar basta dizer-se que vão para o fundo os barcos que n'elle tomam abrigo das tempestades.

A *haute finance* empalideceu perante a accusação, até que um dos capitalistas se levantou e disse com modos theatraes ao nosso poeta:

—Mas, parece impossivel que o sr. Artayett, um homem de tanto saber, não saiba que o porto de Leixões foi construido em condições de proteger os navios de todos os ventos, menos dos ventos Sul e Sueste.

Houve um momento de silencio, mas, passado um instante, o Artayett levantou-se e diz:

—Mas, ainda assim, quem tem a culpa são os senhores.

E porquê? perguntaram elles.

—Porque, desde que o porto de Leixões foi feito para todos os ventos menos para o Sul e Sueste, os senhores deveriam pôr, á entrada do porto, os seguintes dizeres:

**E' expressamente prohibida a entrada do vento Sul e Sueste!...**



## Theatro D. Maria

Consta-nos que os actores Brásão, Augusto e João Ross, requereram ao governo a concessão de um terreno na Feira Franca para construcção de uma barraca destinada a explorar litteratura dramatica.

Realmente, só na Feira é que elles podem ir representar desde que o Posser vá para D. Maria...

## Ao jornal A PALAVRA



*A Palavra*, jornal catholico do Porto, entendeu descompôr a *Marselheza* por causa d'uma pagina que veio n'esse jornal a respeito do dr. Campos Salles e essa descompostura começa pouco mais ou menos assim:

«*A Marselheza*, semanario de caricaturas, criado para fazer concorrência ao «*Seculo*» illustrado, mas que nem sequer serve para engraxar-lhe as botas... etc.»

Ora succede que o caricaturista da *Corja*, foi o fundador da *Marselheza* e por isso tem elle a dizer á *Palavra* o seguinte:

*A Marselheza* não foi creada para fazer concorrência a nenhum collega mas para defender uma causa e de resto, isto é sabido por toda a gente que viu a maneira como a *Marselheza* tratou de todos os assumptos, com todo o desassombro que lhe valeram perdas de centos de mil réis por cada numero que foi apprehendido, o que muitas vezes succedeu.

Quanto ao que *A Palavra* diz da *Marselheza*, adiantando se a afirmar que nem para engraxar as botas serve, Leal da Camara tem a dizer a quem escreveu esse periodo que, se elle se retere aos 23 numeros que Leal da Camara fez da *Marselheza*, o auctor da local fará o obsequio de o firmar no proximo numero da *Palavra* para que o caricaturista da *Corja* possa ter o prazer de indagar quem é esse auctor e, depois de o saber, metter-lhe pela bocca abaixo, com dois muros, a sua prosa injustamente aggressiva.

Caso não venha nada directamente aggressivo a Leal da Camara, no proximo numero da *Palavra*, suppôr-se ha que os periodos em questão não se referem aos numeros da *Marselheza* feitos pelo caricaturista d'este jornal e, n'esse caso, é claro, fica por terra este arrasoado.



## AOS AGENTES

Pede-se nos nossos agentes da provincia o obsequio de satisfizerem os seus debitos para que possamos regular a nossa escripturação.